

Formigas, elefantes e mariposas

JOSÉ SARNEY

Chegamos finalmente à Rio-92. Vamos recordar como tudo começou: em 1988, o Brasil foi colocado na cadeira dos réus, como grande vilão da ecologia. Presidente da República, reagi e enfrentei a luta. Para mostrar a injustiça dessa campanha e a falsidade das acusações, ofereci o Brasil para sediar a Conferência da ONU sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, que deveria realizar-se em 92, 20 anos após da de Estocolmo.

Disputávamos conosco Canadá e Noruega, além de outros países. Foi um trabalho admirável do Itamaraty, comandado pelo ministro Sodré e o então secretário geral, Paulo Tarso, atual embaixador em Londres, profissional de excepcionais qualidades. Vencemos. Os países da América Latina e do Terceiro Mundo nos apoiaram.

Concomitantemente promovemos, internamente, ações avançadas e necessárias. Lançamos o programa Nossa Natureza, diminuímos as queimadas, regularizamos terras indígenas, criamos parques nacionais e reservas extrativistas, e o Ibama, este organizado com o dinamismo de Fernando César Mesquita, concentrou recursos e ações e passou a ser um instrumento moderno e eficaz da defesa ecológica. Ao mesmo tempo, o Congresso, por leis ordinárias e na Constituição, construiu a melhor legislação mundial sobre ecologia, tendo atuado nesse trabalho, decisivamente, o deputado Fábio Feldman.

O Brasil mostrava ao mundo que aqui sempre vivemos uma cumplicidade com a natureza, que o brasileiro não defende o meio ambiente por modismo, mas por amor.

A verdade é que a luta ecológica, no mundo bipolar, tinha uma conotação fortemente política. A esquerda encontrou nela um instrumento de luta contra o capitalismo. Este tinha gerado a sociedade industrial, a qual estava destruindo o planeta e ameaçava a vida. Os países ricos, acuados, sabendo de suas culpas com a emissão de gases, chuvas ácidas, aquecimento da Terra, saíram para o escapismo. Os vilões eram os pobres. Estes estavam queimando, destruindo criminosamente florestas e espécies raras de animais e plantas. Matando o mico-leão e o calango azul.

Acabou a confrontação política, e, num passo de mágica, a guerra ecológica perdeu seu apelo mágico. O meio ambiente, como instrumento político, outrora na mão das grandes potências, voltou às mãos de onde jamais devia sair, dos idealistas, dos sonhadores, dos pacifistas, dos poetas, dos profetas. Serão estes que defenderão a Terra.

Ficou tudo claro, agora, com o resultado da Rio-92. Aqui não vai ser decidido nada. Os EUA resistiram a tudo. Mas o Brasil venceu. Nós nos propusemos a ser os hospedeiros. E realizamos todas as tarefas da organização, com perfeição.

O MRE é um dos melhores instrumentos diplomáticos do mundo, em tradição, competência, estrutura e quadros. Hoje provamos a hipocrisia daquela luta contra o Brasil. Estamos, agora, do outro lado, fazendo cobranças e, com o que não concordamos, até concessões.

Assim, a agenda da Rio-92 murchou e vai existir e repercutir mais pelo trabalho das Organizações Não Governamentais (ONGs).

Vamos aos fatos. Aqui vão assinar, porque em Nova York já foram concluídas as negociações, a Convenção

sobre Clima, sem nada de novo. Os países ricos não aceitaram a redução da emissão de gases. (Tese Bush: "Nada que prejudique os EUA nós aceitaremos.") Uma cláusula tentativa de estabilizar os níveis atuais até o ano 2000 está solta. Ninguém aceitou controles. É apenas retórica sobre dinheiro novo. A Global Environment Facility (GEF) será administrada pelo Bird, isto é, será um instrumento mais de política dos grandes do que de ecologia. No mesmo blablablá ficou a Convenção de Biodiversidade, recursos para a transferência de tecnologias em troca de controles. Bastou a Agenda 21 para ser concluída, e esta será uma panacéia, pois seu texto é uma condensação de todas as opiniões. Serve para tudo assim também a declaração genérica sobre florestas. Nenhuma novidade sobre vigilância e controle do meio ambiente, que ficará como o Pnuma e o Ecosoc da ONU, esvaziados. Os países ricos, à frente os Estados Unidos, resolveram levar o problema ecológico "com a barriga". Nada aceitaram. Há, defendem, uma ecofadiga a um mundo em recessão. O problema deixou de ser prioritário.

O Brasil sediou a conferência e mostrou a hipocrisia dos ataques que lhe dirigiram. Tendo sido eu quem trouxe a Rio-92 para o Brasil, fico triste com os resultados da conferência. Mas feliz pela nossa posição, que, para evitar até mesmo a não realização do evento, cedemos.

Não é sem razão que um defensor da ecologia, que participou das negociações de Nova York, tenha declarado aos jornais: "Os países ricos querem que a Rio-92 fale apenas de 'formigas, elefantes e mariposas'".

José Sarney é senador pelo Amapá.